

ORIENTAÇÃO GERAL DO ENSINO DE 1º GRAU

José Mário Pires Azanha

Desde há alguns anos, o interesse e até mesmo a preocupação com a educação vem se acentuando extraordinariamente numa certa camada da população. Como conseqüência disso têm-se depositado esperanças crescentes e, até certo ponto, infundadas na ação da escola. Espera-se dela talvez o milagre de produzir gerações futuras menos angustiadas e perplexas do que as atuais. Evidentemente, o próprio professor não poderia escapar a esse clima de entusiasmo.

É nesse quadro, talvez, que se pode compreender a intensa procura de escolas que se anunciam como "escolas renovadas". Parece até que a renovação pedagógica fará de nossas escolas instituições capazes de realizar aquilo que as nossas ilusões nos fazem desejar da ação escolar. No entanto, na maior parte das vezes, os resultados práticos têm sido mais escassos do que as esperanças de pais e de educadores. Talvez isso ocorra porque não haja concepções claras e inequívocas do que se chama de "renovação pedagógica". Muitas vezes, esses esforços de renovação são historicamente desenraizados, revelando um total desconhecimento dos clássicos do pensamento pedagógico, que desde há séculos vêm preconizando medidas que, no entanto, esquecidas ou ignoradas, não são sequer discutidas e experimentadas. Teoricamente desinformado, o esforço de renovação pedagógica se

esgota na adoção acrítica de novidades cujo valor educativo é uma incógnita, mas que são alardeadas e difundidas como se delas dependesse todo êxito do ensino. Tudo se passa como se a simples substituição do antigo pela novidade fosse a garantia da excelência pedagógica. Não se trata aqui, evidentemente, de uma exaltação do antigo em detrimento do novo, mas da recusa de tomar a ordem temporal de aparecimento como o critério para apreciar os méritos de uma prática ou de uma concepção. Alguns aspectos desse estilo de renovação são facilmente assinaláveis. Por exemplo: tem-se dado uma exagerada ênfase à importância da criatividade, perdendo-se de vista, muitas vezes, o fato de que a simples originalidade não é algo que tenha um valor intrínseco. É claro que não se deve inculcar um espírito de rebanho mas é claro também que, algumas vezes, a singularidade de um comportamento pode nada ter de criativo e original, mas deveria até ser motivo de preocupação e de medidas preventivas. Do mesmo modo, é preciso que a liberdade do educando seja concebida, no plano individual, como uma complexa exigência interior que deve ser cultivada e estimulada, e não apenas confundida com a permissão de uma movimentação física inconseqüente ou inoportuna em face da natureza das atividades. É preciso que professores e alunos compreendam que disciplina nem sempre pode ser entendida como uma restrição a qualquer liberdade, mas apenas como condição indispensável de trabalho individual ou coletivo.

Esta escola se propõe um trabalho diferente desse confuso estilo de renovação que, de prático, se resume em permissões sucessivas e desavisadas, na complacência com os deveres não cumpridos e na tolerância sistemática com a indisciplina. O que visamos é o desenvolvimento dos indivíduos com capacidade de crítica. A capacidade de criticar a si próprio e a sociedade em que vive é o único ponto de apoio firme para desenvolvimento de homens criativos e livres. Contudo, não acreditamos que a capacidade de crítica possa ser diretamente ensinada. Mas acreditamos que ninguém a desenvolverá na ignorância ou no aprendizado insuficiente de um mínimo do acervo cultural da sociedade em que vive. Porque a capacidade de crítica depende para a sua expressão do domínio de um instrumental, que não se obtém

senão pelo estudo intensivo e sistemático. Por isso, o processo de ensino desta escola visará sobretudo não ao hipotético desenvolvimento de inefáveis hábitos e atitudes, mas à trivial e indispensável transmissão de conhecimentos. Os hábitos e as atitudes que compõem um espírito crítico não se desenvolvem formalmente; por isso a escola que se propõe educar (no sentido de desenvolvimento de hábitos e atitudes) e não instruir (no sentido de aquisição de conhecimentos) persegue um fantasma. Ninguém se educa sem aprender algo, sem se instruir; como também ninguém se instrui sem que haja oportunidade de formar hábitos e desenvolver atitudes. Nessas condições, o empenho do professor em *ensinar* e o esforço do aluno em *aprender* são elementos indispensáveis num trabalho educativo sério. O que não é incompatível, evidentemente, com a amenidade dos métodos e a cordialidade do relacionamento. Nenhum método, técnica ou procedimento será imposto ao professor, mas nenhum deve ser permitido sem que ele seja capaz de justificá-lo em termos de sua importância para a formação do educando, e não para simples distração do aluno. A escola é um lugar de trabalho — que pode e deve ser agradável — mas não de lazer.

Educação
Alguns Escritos

JOSÉ MÁRIO PIRES AZANHA 1987
COMPANHIA EDITORA NACIONAL